



O artesanato como elemento de estudo da educação patrimonial e identidade cultural

Carla Amorim Neves Gonçalves¹ - icb.museuvirtual@furg.br
Karoline Cardozo Lemos² - karolineclemos@hotmail.com
Suzane da Rocha³ - suzi.correa@hotmail.com
Francieli Tomé da Rosa⁴ - fra.tome@yahoo.com.br

RESUMO

O Museu Virtual do Ensino das Ciências Fisiológicas em parceria com o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico, ambos desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande – FURG (Rio Grande/RS) promoveram, entre outubro de 2013 a março de 2014, a ação intitulada “Roda de conversa: Artesanato, Identidade e Patrimônio”, voltada aos artesãos que recebem apoio do núcleo. Os encontros buscaram incentivar a expressão da cultura rio-grandina e dos seus patrimônios através do artesanato local. Foi utilizada a metodologia de *rodas de conversa* de Albuquerque e Galliazzi (2011) e de educação patrimonial do IPHAN (2014). Os artesanatos produzidos e a análise das entrevistas com os artesãos destacaram diversos patrimônios culturais da cidade do Rio Grande e demonstraram que o artesanato local pode disseminar as identidades culturais da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio. Artesanato. Identidade. Cultura.

1 Dra. em Ciências Biológicas - Zoologia, Professora Associada do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

2 Graduada de Engenharia da Computação, Centro de Ciências Computacionais, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

3 Graduada de Artes Visuais Licenciatura, Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

4 Graduada de Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

ABSTRACT

The Virtual Museum of Education of Physiological Sciences in partnership with the Social and Economic Development Center, both developed at the Federal University of Rio Grande - FURG (Rio Grande, RS), promoted from October 2013 to March 2014 the action entitled "Conversation wheel: Crafts, Identity and Heritage", dedicated to the artisans who are supported by from NUDESE. The meetings sought to encourage the expression of the culture of Rio Grande and its heritage through handicrafts. The Albuquerque and Galliazzi (2011) methodology of conversation wheels and heritage education conception from IPHAN (2014) was used. Handicrafts produced and the analysis of interviews with artisans highlighted diverse cultural heritage of Rio Grande and demonstrate local crafts can spread the cultural identities of the city.

KEYWORDS

Heritage Education. Handicrafts. Identity. Culture.

1 Introdução

A intencionalidade deste estudo busca incentivar a expressão da cultura rio-grandina e dos seus patrimônios através do artesanato local. O cerne da proposta está na possibilidade da utilização do artesanato como ferramenta para disseminar a (s) identidade (s) cultural (is) do município. Nessa visão múltipla do conceito de identidade cultural procuramos corroborar com as propostas pós-modernas de processos identitários ao invés de identidade imutável, conforme preconizado por Stuart Hall (2006). Consideramos aqui a possibilidade dos sujeitos distintos, constituídos a partir de espaços e vivências diversas, terem uma visão plural da identidade patrimonial da cidade do Rio Grande (RS), local de desenvolvimento do estudo. O estudo se estabeleceu na prática da ação de extensão desenvolvida pela equipe do Museu Virtual do Ensino de Ciências Fisiológicas, MUVle, e em parceria com a coordenação do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE⁵, ambos desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, localizada na cidade do Rio Grande no Rio Grande do Sul, entre os meses de outubro de 2013 a abril de 2014. O NUDESE visa, entre seus objetivos, oferecer apoio a projetos que tenham enfoque na promoção do desenvolvimento através de geração de trabalho e renda. Uma das áreas atendidas pelo Núcleo é o artesanato, assim através de conversas com a coordenação do mesmo percebeu-se que, uma forma de agregar maior valor ao artesanato local era incentivar o grupo a expressar em suas produções características que identificassem a comunidade rio-grandina. De acordo com Salvador (2011), a produção artesanal pode com frequência abrigar a exclusividade do saber-fazer do artesão, mesclada a identidades socioculturais distintas. Segundo a autora o artesanato advém da acumulação de saberes herdados pelo artesão, bem como do conhecimento acerca dos recursos naturais locais, preservando deste modo as tradições regionais. O artefato produzido representa o mundo cultural em que se inserem objeto e criador, representando assim a identidade cultural local.

É importante considerar também que o artesanato expressa e registra o cotidiano de um grupo identitário, sendo, portanto compreendido por Schmidt (2011, p. 121) como "a vida expressa em materiais e formas diversas". A autora relata no artigo intitulado *Artesanato: Mídia Popular e o lembrar comunitário*, que as pessoas podem utilizar-se do artesanato como mídia comunicativa e informativa, podendo este ser avaliado pela perspectiva comunicacional a partir de seus componentes, processo, agente ou produto/mídia. Deste modo, é possível utilizar-se da expressão cultural artesanal como território educativo e formativo para a educação patrimonial assumindo assim, o artesão papel de educador.

O MUVle vem desenvolvendo ações de educação patrimonial acerca da história de seu acervo (conjunto de objetos utilizados no ensino e na pesquisa em ciências fisiológicas desde o surgimento da universidade em 1969) e sobre a história dos servidores pioneiros na construção da FURG. Promover a Educação Patrimonial passou a ser mais uma missão desse Museu e com o chamamento da coordenação do NUDESE tomamos o desafio de desenvolver uma proposta de educação patrimonial que buscasse apresentar a relação do artesanato com identidades regionais, e como essas poderiam servir à educação patrimonial, valorizando, dessa forma a cultura local tanto o artesanato quanto os artesãos.

5 Conheça mais sobre o trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico –NUDESE/FURG em <http://www.nudese.furg.br/>.



O tema da educação patrimonial foi abordado a partir da metodologia de *rodas de conversas*, seguindo o conceito de rodas de formação de Albuquerque e Galliazi (2011), pois assim prioriza-se as discussões em torno da temática, possibilitando-se o maior intercâmbio de informações e saberes. A metodologia de educação patrimonial utilizada traz elementos de um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da cultura local conforme o método originalmente proposto por Horta et al. (1999), porém as diretrizes atuais de educação patrimonial preconizadas pelo IPHAN (2014) foram observadas, como por exemplo: a construção coletiva do conhecimento através das próprias práticas cotidianas do público-alvo. Deste modo, foram assegurados aos sujeitos do processo educativo o protagonismo, as reflexões sobre seu próprio patrimônio, o reconhecimento de suas referências culturais, sua memória social e de seus territórios educativos.

2 Metodologia

A *roda de conversa* sobre o tema “Artesanato, Identidade e Patrimônio” seguiu a metodologia de rodas de formação de Albuquerque e Galliazi (2011). Essa metodologia está fundamentada em uma configuração espacial que facilita a comunicação dos sujeitos, a roda, por meio de partilhas inevitáveis. As partilhas, conforme o conceito da autora Cecília Warschaeur (2001), permitem mais do que simplesmente a troca, “posto que o sujeito aprende mais quando ensina a outros o que ele sabe”. A metodologia de roda de formação pressupõe alguma forma de registro que sirva a sistematização e organização dos conhecimentos, eternizando a roda. Foi proposto aos artesãos a construção desse registro a partir da sua prática artesanal, por meio de entrevistas e escrita das histórias dos participantes. Também é característica da metodologia de rodas de formação que haja a socialização das experiências e dos saberes construídos para propiciar a continuidade da roda. Isto foi buscado a partir da construção de um *blog* com as produções dos artesãos, descrito detalhadamente a seguir.

As rodas de conversa foram conduzidas em quatro encontros mensais com artesãos na sede do NUDESE. No primeiro encontro, através de questões instigantes buscamos identificar o que os participantes entendiam por “patrimônio”. As ideias expostas pelos participantes foram discutidas à luz do conceito de patrimônio cultural brasileiro disposto nos Artigos 215 e 216, da Constituição Federal (BRASIL, 1988) e por meio da exposição de imagens de artesanatos brasileiros com identidades locais. A roda de conversa foi encerrada com os artesãos relatando quais os tipos de artesanatos que costumavam produzir; como finalização da atividade foram desafiados a produzir um produto artesanal com identidade rio-grandina, que representasse um dos patrimônios da cidade. Deu-se a possibilidade dessa tarefa ser executada por adesão voluntária e apresentada num segundo encontro, dentro de um mês. No segundo encontro, a fim de auxiliar nas produções, foi entregue aos participantes uma apostila com os conceitos de educação patrimonial discutidos ao longo dos encontros e com fotografias dos artesanatos nacionais exemplificados na primeira roda. Na terceira roda de conversa, os artesãos que aderiram ao desafio foram entrevistados individualmente, a partir do uso de perguntas fechadas a fim de conhecer melhor a preferência de cada um deles com relação ao artesanato e sua interpretação de por que as obras produzidas possuíam identidade com o município de Rio Grande. Suas produções foram fotografadas para que os registros fossem divulgados no *blog*. As entrevistas em registros escritos foram analisadas quanto à presença dos conceitos de patrimônio elencados direta ou indiretamente pelos artesãos. A partir destes registros escritos das falas dos artesãos, os autores buscaram identificar se/como as questões de educação patrimonial foram incorporadas nos artesanatos.

Tomando como base os estudos de memória social da psicóloga Ecléa Bosi (1994) e os conceitos de enraizamento/desenraizamento de Simone Weill, os autores buscaram discutir como a ação pode além de expressar a cultura rio-grandina pela interação com o artesanato local, ser capaz de trazer à tona memórias, identidades locais, e novos saberes. Ainda em consideração a utilização do artesanato como objeto de educação patrimonial buscou-se discutir os resultados obtidos à luz dos trabalhos de Schmidt (2011) e Salvador (2011) sobre a visão do artefato artesanal como forma de expressão de cultura e identidade.

3 Resultados e discussão

Tivemos uma participação em média de 15 artesãos por encontro desde a primeira roda de conversa até o encerramento da ação. A partir das conversas de roda do primeiro encontro



podemos perceber que muitos artesãos tinham noções sobre o que era patrimônio e definiam alguns tipos, como pode ser extraído das falas da roda: “Algo que se conserva e guarda para sempre”. “Pode ser um fato”. “[...] a feirinha do NUDESE (nome da feira onde eles expõem suas produções) é um patrimônio para o grupo” (informações verbais)⁶. Entre os patrimônios culturais nacionais apresentados aos artesãos a título de exemplificação da interação entre artesanato, identidade e patrimônio foram destacados: as namoradeiras de janela de Minas Gerais, os bonecos de barro de Caruaru (PE), as joias feitas com Capim Dourado em Jalapão (Tocantins), as garrafas com areias coloridas de Aracati (Ceará), as rendas irlandesas de Divina Pastora (Sergipe), redes de Mato Grosso e as bonecas dos índios Karajás.

No segundo encontro, cinco artesãs confirmaram o interesse em produzir artesanatos referentes à cidade do Rio Grande, porém ainda não haviam iniciado as produções. As criações foram apresentadas no terceiro encontro, momento em que realizaram as entrevistas individuais e fotografaram os trabalhos artesanais. As artesãs que aderiram ao desafio produziram cinco artesanatos que descrevemos a seguir:

Pano de prato pintado a mão retratando um tamanco manufaturado pela extinta Tamancaria Dom Bosco nos anos 50 (I.A.A.) (Fig.1); pano de pratos com arte patch, chaveiros em feltro representando a Coruja-buraqueira (R.S.F), Relicário em caixa de fósforos com a representação de lemanjá (Fig. 2); aplique de tecido em pano de prato da escultura do Pórtico da cidade do Rio Grande (N.O.R); guardanapo em crochê representando o peixe Linguado (J.P.T) (Fig. 3). O momento das entrevistas foi registrado em fotografia - nas figuras 1 e 3- (artesãs Ivone Amaral e Jovelina Theodósio).



Figura 1: Dona Ivone Amaro de Abreu concedendo sua entrevista em fevereiro/2014 e seu trabalho de pintura a mão em pano de prato alusivo à extinta “Tamancaria Dom Bosco”.

Fonte: Acervo MUVle.

6 Falas obtidas a partir das entrevistas com os artesãos que participaram da roda de conversa (Jovelina Pereira Theodosio, Maria Lúcia Ribeiro de Souza e Teresa C.ristina Dabthene Zitzke).

Figura 2: Chaveiros com a “coruja-buraqueira” (produção de Rosani da Silva Freitas) e Relicário de lemanjá feito em caixa de fósforos (produção de Nila Oliveira da Rosa).
Fonte: Acervo MUVle.



Figura 3: Artesã Jovelina Pereira Theodosio no momento da entrevista (fevereiro/2014) e sua criação: guardanapo retratando o peixe Linguado confeccionado em crochê.
Fonte: Acervo MUVle.



A análise dos registros escritos a partir das entrevistas das artesãs permitiu-nos concluir que os conceitos sobre patrimônio foram empregados na escolha das temáticas para as produções artesanais e que as mesmas conseguiram representar diversos elementos da cultura rio-grandina, através de sua arte. De acordo com Schmidt (2011), ao identificar os artesanatos e destacar seus protagonistas possibilita-se um registro da memória social. Podemos destacar desses registros: o respeito aos patrimônios naturais (a fauna), etnográficos e imateriais (o culto à lemanjá, a história de um antigo estabelecimento comercial e a pesca) bem como, representações de patrimônios históricos materiais (o pórtico da entrada da cidade). É o que podemos observar a seguir, a partir das opiniões expressas pelas artesãs Rosani Silva de Freitas e Jovelina Theodosio:

Moro no balneário (Praia do Cassino) e em suas dunas, sempre avisto a coruja-buraqueira cuidando de seus filhotes ou de seu ninho. Na FURG, em frente ao Cidec-Sul elas têm um espaço reservado. Sei que não é um privilégio apenas da cidade do Rio Grande, mas as corujas são uma presença marcante (informação verbal)¹.

Representação da Tamancaria da Dom Bosco, responsável por confeccionar tamancos para os operários desde a década de 50 em Rio Grande. Tamancos masculinos eram de madeira modelo alemão, dos homens eram quadrados, das mulheres eram ornamentados com flores. Usavam nas fábricas de peixe. Patrimônio que os jovens desconhecem. Eram calçados das pessoas mais pobres (informação verbal)².

Também dessa análise podemos perceber o grande potencial que o artesanato pode apresentar quando é dado voz a ele, a voz de seu criador. O objeto em si sempre fala ao sujeito, tocando a cada um de modo diverso e nem sempre tem o significado original imputado pelo artista. Em mostras extensionistas, fora de Rio Grande, os trabalhos artesanais do grupo que mais fazem sucesso são aqueles que representam a fauna da Estação Ecológica do Taim e da Praia do

1 Entrevista concedida pela artesã Rosani Silva de Freitas durante a terceira roda de conversa.

2 Entrevista concedida pela artesã Ivone Amaro de Abreu durante a terceira roda de conversa.

Cassino³, como relatou Lúcia Regina Nobre, coordenadora do NUDESE. Porém, para que isto ocorra os expositores são treinados para explicar aos consumidores os significados daquelas produções: quem é a capivara, o cisne do pescoço preto, a coruja e qual é a relação desses com o local de origem das obras e produtos artesanais. Neste sentido, as rodas de conversa com todos os artesãos buscaram demonstrar por meio de outros exemplos de artesanatos, muitos dos quais patrimônios culturais brasileiros, a importância da identidade local no artesanato confeccionado, de modo a agregar valor histórico, regional e proporcionar maior sucesso nas vendas.

O reconhecimento aos patrimônios naturais de nossa cidade, como na fala da artesã Rosani Freitas (op. cit., p. 8) que elegeu retratar a coruja-buraqueira e os ensinamentos sobre história local, contextualizados a partir de “um simples desenho em um pano de prato” permitiu às autoras refletir sobre suas próprias percepções da cultura local. A referida tamancaria da Dom Bosco (nome da Avenida em que era localizada) suscitou novas rodas de conversa entre as autoras, direcionou pesquisas e conversas com parentes idosos levando-nos a buscar a confirmação da existência do estabelecimento. “Mas um tamanco? Não, apenas alguém com a alma de artista poderia sintetizar em um tamanco parte da história de toda uma comunidade operária”. Durante as rodas, artesãos e pesquisadoras identificaram-se com o artesanato de dona Ivone por serem descendentes de ex-operários que trabalharam nas fábricas de peixes, a fonte principal de sustento de muitos rio-grandinos.

Temos uma narrativa de memória social que vem ao encontro dos estudos da psicóloga Ecléa Bosi, autora da obra *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, que de acordo com Oliveira (2013) introduziu uma nova proposta metodológica aos estudos de memória social, uma vez que aproxima teoria e empirismo, “[...] em que o sujeito-pesquisador e as pessoas pesquisadas alternam-se mutuamente na difícil tarefa de produção de saber” (Ibid., p.89). Nossas vivências nesse processo educativo permitem-nos parafrasear as próprias palavras da autora: Nessa pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos e procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, “sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças” (BOSI, 1994, p. 38).

Ao aprendermos mais da cultura rio-grandina a partir das memórias expressas pelas artesãs tornamo-nos objetos do processo e este reaprender sobre algo que nos é próprio pode ser tomado como um “enraizar-se” *de novo*. Enraizamento, de acordo com a entrevista de Ecléa Bosi concedida à *Revista Dispositiva* (BRUCK, 2013, p.198), na concepção da filósofa Simone Weill é “um direito humano semelhante a outros direitos ligados a sobrevivência do homem”; é próprio do vínculo com o passado, posto que “dele se extrai a seiva para a formação da identidade”. Nesta entrevista a pesquisadora explica que a vida moderna nos tem conduzido ao desenraizamento, que desconstitui a memória. “Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças” (Ibid., p.198).

A fim de transmitir essas lembranças aprendidas, bem como dar visibilidade ao trabalho dos artesãos e disseminar a própria cultura local, a equipe do MUVle apresentou o ambiente virtual aos artesãos como um espaço para atuação, criando um *blog*⁴ com o material produzido por eles, para o qual uma das artesãs se voluntariou a ficar como responsável pelo seu gerenciamento (Figura 4). Para tanto, foi oferecida uma capacitação sobre as noções e ferramentas básicas para que a artesã pudesse dar continuidade às postagens, divulgando assim os trabalhos e as feiras realizadas pelos grupos.

As produções foram representadas por fotografias e texto produzido a partir da entrevista com o artesão e complementado por pesquisa para fundamentação teórica do tema retratado, destacando a identidade da produção e sua relação com a cidade do Rio Grande. Além das produções, o *blog* conta com material de divulgação dos diversos grupos de artesãos apoiados pelo NUDESE.

3 Para saber mais sobre estes pontos turísticos e sua fauna visite <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/pagina-inicial>

4 O blog das artesãs pode ser acessado a partir do endereço: <http://artesanatofurg.blogspot.com.br/>.

Figura 4: Página do blog dos artesãos mostrando fotografia da reunião final.

Fonte: <http://artesanatofurg.blogspot.com.br/>



4 Considerações finais

A apropriação do conceito de patrimônio cultural por parte dos artesãos e sua expressão através de sua arte permitem que os patrimônios de uma cidade possam ser difundidos, sendo considerados uma importante ferramenta de educação patrimonial. O uso da arte como expressão dos bens patrimoniais de um grupo pode ser feito tanto profissionalmente por parte de artistas em geral, como pode ser incorporado em atividades educacionais no ensino de arte, de modo a alcançar outros sujeitos da comunidade.

As identidades do artesanato foram constituídas pela articulação de diversos valores adquiridos através da oficina de educação patrimonial. A diversidade de simbolismos utilizados pelas artesãs evidenciou a pluralidade de contextos de formação do processo identitário. Ao enfatizarem suas relações com patrimônios da cidade do Rio Grande, os artesãos assumiram a possibilidade de promulgar as identidades da cidade ampliando cada vez mais a oportunidade de que outras pessoas, até mesmo de fora da cidade, possam conhecer um pouco mais sobre a história da cidade e suas belezas.

Inicialmente, observamos que a motivação de relacionar o tema patrimônio com artesanato era tênue entre os artesãos. Dentre os quinze artesãos em média que participavam dos encontros, apenas cinco realizaram as tarefas de produção de artesanatos com identidade cultural de Rio Grande. Destes, duas artesãs já faziam representações de animais característicos da fauna da cidade do Rio Grande (o peixe Linguado e a coruja-buraqueira), porém a relação desta atividade como incentivadora da cultura aos patrimônios naturais (a fauna) e imateriais (a pesca) da cidade não era clara para elas até a discussão do tema na Roda de conversa. Desse modo o processo de ressignificação da proposta do artesanato já realizado alcançou os objetivos de educação patrimonial da oficina.

Outros artesãos buscaram novos elementos para significação dos seus produtos: o culto a lemanjá e sua festividade em Rio Grande, o Pórtico da Cidade que remete a uma máquina de costura e ao período das indústrias Rheingantz na cidade, os tamancos da extinta tamancaria Dom Bosco, que remete à vida de operários. Com isso demonstraram que a apropriação do conceito de patrimônio imaterial expresso pelo artesanato foi estimulada pela oficina. Dentre os artesãos que optaram por não participar do desafio, havia um que habitualmente representava em suas produções as vagonetas dos Molhes da Barra da Praia do Balneário Cassino, patrimônio reconhecido por todos na cidade, e que por isso não considerou interessante participar desse projeto. Entretanto, esse mesmo artesão foi quem se voluntariou para manter a página do grupo. Os demais que participaram esporadicamente das oficinas, mesmo não participando do desafio, expressaram interesse pelos artesanatos produzidos pelos colegas e pelo blog construído.

Consideramos que a ação de educação patrimonial conseguiu catalisar a apropriação de novas tecnologias, nesse caso o uso do *blog* para a divulgação dos artesanatos e da cultura local. Além disto, como a proposta fazia parte de uma ação de extensão do Museu Virtual do Ensino de Ciências Fisiológicas (MUVie), a construção da oficina com as artesãs trouxe à equipe do projeto a agregação de novos saberes, novos olhares para os patrimônios da cidade, alguns desconhecidos para as autoras, concretizando-se como uma ação extensionista que propiciou a produção de novos saberes partilhados por todos os sujeitos envolvidos.

5 Agradecimentos

As autoras expressam seu agradecimento a equipe do NUDESE, ao grupo de artesãos que participaram da ação e também aos demais bolsistas de extensão que apoiaram partes da execução dessa ação, especialmente Felipe da Silva Rosa.

6 Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros. & GALIAZZI, Maria do Carmo. **A formação do professor em rodas de formação.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.92, n.231, p.386-398, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano.** 2013. Dispositiva, v.1, n.2, p. 196-199, abr. 2013.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª. Ed., Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial,** 1ª. Ed, Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IPHAN (2014). **Educação Patrimonial.** Histórico, conceitos e processos. 2014.

OLIVEIRA, Paulo de Sales. **Sobre memória e sociedade.** Revista USP, n. 98, p. 87-94, jun./ago. 2013

SALVADOR, Marieza Rosso. **Artesanato X Design: A busca da Identidade.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 29 de Junho de 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/handle/1/404/Marieza%20Rosso%20Salvador.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01/03/2015

SCHMIDT, Cristina. **Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário.** Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional, Ano 15, n.15, p. 121-128, jan./dez. 2011.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.